

APRESENTAÇÃO

LITERATURA NO CINEMA UM PROFÍCUO ENCONTRO ENTRE DUAS LINGUAGENS

FLECK, Gilmei Francisco (UNIOESTE/Cascavel)*

Nessa edição da Revista de Literatura, História e Memória nos dedicaremos a algumas reflexões acerca da relação entre Literatura e Cinema. Os pontos de contato entre essas duas linguagens, na transposição do texto literário para o fílmico, mais do que as velhas controvérsias entre a literatura vista como arte e o cinema como espetáculo, são considerados tema central da reunião dos textos que aqui selecionamos.

É questão indiscutível que as versões cinematográficas de consagradas obras literárias passam a constituir uma nova produção artística, contudo, é inegável, também, o fato de que entre ambas existe uma relação, seja ela muito estreita ou apenas superficial, segundo a adaptação que da literatura ao cinema se faz. Assim, uma é tributária da outra e esse encontro de artes, conjugadas em uma única forma, tem sido muito profícuo na contemporaneidade.

Essas aproximações da arte literária e a arte cinematográfica têm rompido, na atualidade, concepções como as que, por muito tempo, geram agudas incompreensões entre os representantes e amantes dessas duas artes. Conforme expõe Antoine Jaime (2000, p. 12 – nossa trad. do espanhol), por muito tempo

[...] a literatura foi valorizada como a única arte capaz de expressar pensamentos, os sentimentos íntimos ou as evoluções psicológicas, em poucas palavras, os mundos

*Professor adjunto da Unioeste/Cascavel no Curso de Graduação em Letras Português/Espanhol e do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Cascavel). Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura. Editor da Revista de Literatura, História e Memória, juntamente com Lourdes Kaminski Alves.

interiores. A dito instrumento de precisão se opôs o cinema, tachado de não poder mostrar mais que as aparências humanas, o aspecto sempre exterior das ações. A palavra-matiz supera a imagem-espetáculo. O cinema segue sendo, para muitos, a atração de feira de seu início, incapaz de aceder à riqueza expressiva da literatura.

Assim, vê-se que a confluência que aqui reunimos surgiu como sendo uma relação conflituosa, já que a ênfase dessa relação tende a ser vista, muitas vezes, sob a ótica do difícil casamento entre palavra e imagens (GIMFERER, 1985). No entanto, o cinema, nas últimas décadas, deixou as salas escuras e veio à luz das pesquisas acadêmicas, inserido no contexto dos estudos de *mass media*, uma vez que tal arte, na atualidade, tem exercido uma forte influência sobre uma grande parcela da população, superando, muitas vezes, inclusive a atuação do texto escrito, pois “o cinema é a forma de arte correspondente aos perigos existenciais mais intensos com os quais se confronta o homem contemporâneo. Ele corresponde a metamorfoses profundas do aparelho perceptível [...]”. (BENJAMIN, 1994, p. 192). Desse modo, a *sétima arte* ocupa, hoje, um espaço de destaque na sociedade – também pela massificação da televisão que veicula grande parte da arte cinematográfica mundial – e vem ganhando espaços na academia.

Muitas vezes banalizadas, as relações entre cinema e literatura são ricas e complexas. Trata-se, na verdade, de duas artes, ou sistemas de comunicação, bastante diferentes, tanto na constituição, quanto no modo de produção e recepção. A literatura é essencialmente a arte das palavras e o cinema, a arte das imagens. Bem mais recente, o cinema é um sistema complexo que mistura elementos de quase todas as artes. Embora sua base seja a imagem em movimento, através da qual se produz uma peculiar forma narrativa, também se vale das palavras, da representação, além de trabalhar com elementos que antes eram particulares das artes plásticas, como o contraste entre cores, o jogo de luz e sombras ou de volumes. Além disso, muitos filmes contam histórias que a literatura já tinha contado, num processo de transferência de um sistema semiótico para outro que recebe várias denominações: adaptação, tradução ou recriação.

Quando estamos diante de um encontro desses entre as duas artes – literatura e cinema – o resultado para o leitor/espectador seguramente será proveitoso quando observado da perspectiva de que na transposição de uma obra literária para a linguagem fílmica, na produção desse diálogo entre artes – a da palavra e a da imagem – o ponto crucial não reside na “fidelidade” ou “infidelidade” de uma para com a outra. Toda forma de adaptação enfrenta-se com o desafio da transformação do objeto primeiro na arte que ela inspira como produto final. Esse produto constitui-

se de outra linguagem, já que os signos e códigos utilizados por uma e outra não são os mesmos.

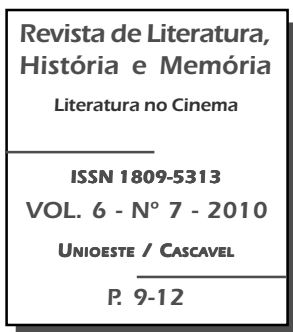
Sob este viés, o filme feito com base em uma obra literária – pelo intenso trabalho de transcodificação que se opera sobre o texto primeiro – pode ser visto, antes de tudo, como um processo crítico de leitura. O resultado – em forma de filme, com suas ampliações ou reduções na narrativa literária – será, pois, o recorte interpretativo efetuado pelo cineasta. Esse procedimento de tradução da obra literária para a linguagem cinematográfica sempre acarretará em novos significados para a narrativa primeira, cujo teor pode haver sido deslocado, alterado, subvertido, ampliado, etc, ao longo do processo de leitura que dela se efetuou. Cabe, pois, nesse contexto, uma nova leitura. Tal processo enriquece a relação entre as artes que se complementam, assim, como objetos de leitura.

Esse frutífero encontro não se estabelece apenas entre literatura e cinema, a história é também frequente parceira dessa relação, especialmente quando as produções cinematográficas que recriam eventos do passado fogem dos padrões simplesmente comerciais, apresentando ao público produções críticas. Segundo Robert A. Rosenstone (2010, p. 82), nesse campo de relações “também é possível ver os filmes históricos inovadores como parte de uma busca por um novo vocabulário para representar o passado na tela, um esforço para tornar a história (dependendo do filme) mais complexa, interrogativa e autoconsciente”. Também essa confluência – literatura, história e cinema – encontra-se contemplada nessa edição de nossa Revista.

No campo das confluências até aqui mencionadas, não podemos deixar de comentar que, no conjunto dos textos reunidos, o leitor certamente se deparará com questões que envolvem a relação da teoria literária e a teoria cinematográfica. Nesse campo teórico, destaca-se a trajetória secular dos estudos literários que servem de apoio aos recentes estudos sobre a arte cinematográfica. De acordo com José Antonio Pérez Bowie (2008, p. II - nossa trad. do espanhol), os estudiosos do cinema “tem recorrido sistematicamente a tais categorias a fim de iluminar o seu objeto de interesse e dotar as suas análises do rigor científico que, sem dúvidas, proporciona-lhes o aparato conceitual elaborado por uma tradição secular do pensamento em torno ao feito literário”. Assim se proliferam as confluências no conjunto de textos que apresentamos aos nossos leitores a seguir. Desejamos uma boa leitura a todos.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.
- GINFERER, P. *Cine y Literatura*. Barcelona: Planeta, 1985.
- JAIME, A. *Literatura y cine en España (175-1995)*. Trad. María Pérez Harguindey e Manuel Talens. Madrid: Cátedra, 2000.
- PÉREZ BOWIE, J. A. *Leer el cine: la teoría literaria en la teoría cinematográfica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2008.
- ROSENSTONE, R. A. *A história nos filmes - os filmes na história*. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- PRESENTACIÓN: Revista de Literatura, Historia y Memoria: V. 6, n.7- 2010.



LITERATURA EN EL CINE: UN PROFICUO ENCUENTRO ENTRE DOS LENGUAJES

FLECK, Gilmei Francisco (UNIOESTE/Cascavel)
Tradução (espanhol): RIBEIRO, Bruna Otani (UNIOESTE/Cascavel)*

En esa edición de la Revista de Literatura, Historia y Memoria nos dedicaremos a algunas reflexiones sobre la relación entre Literatura y Cine. Los puntos de contacto entre esos dos lenguajes, en la transposición del texto literario para el fílmico, más que las viejas controversias entre la literatura vista como arte y el cine como espectáculo, son considerados la temática central de la reunión de los textos que aquí seleccionamos.

Es cuestión indiscutible que las versiones cinematográficas de consagradas obras literarias pasan a constituir una nueva producción artística, sin embargo, es innegable, también, el hecho de que entre ambas existe una relación, sea ella muy estrecha o apenas superficial, según la adaptación que de la literatura al cine se hace. Así, una es tributaria de la otra y ese encuentro de artes, conjugadas en una única forma, ha sido muy proficuo en la contemporaneidad.

Esas aproximaciones del arte literario y el arte cinematográfica han roto, en la actualidad, concepciones como las que, por mucho tiempo, generan agudas incomprensiones entre los representantes y amantes de esas dos artes. Conforme expone Antoine Jaime (2000, p. 12), por mucho tiempo

[...] la literatura fue valorada como el único arte capaz de expresar pensamientos, los sentimientos íntimos o las evoluciones psicológicos, en pocas palabras, los mundos

*Acadêmica do curso de Letras Português/Espanhol da Unioeste/Cascavel. Integrante do curso de extensão "Formação de tradutores: teoria e prática - uma perspectiva intercultural", vinculado ao PELCA- Programa de Ensino de Literatura e Cultura.

interiores. A dicho instrumento de precisión se le opuse el cine, tachado de no poder mostrar más que las apariencias humanas, el aspecto siempre exterior de las acciones. La palabra-matiz supera la imagen-espectáculo. El cine sigue siendo, para muchos, la atracción de feria de sus comienzos, incapaz de acceder a la riqueza expresiva de la literatura.

De esta forma, se ve que la confluencia que aquí reunimos surgió como una relación conflictiva, ya que el énfasis de esa relación tiende a ser visto, a menudo, desde el punto de vista del difícil casamiento entre palabra e imágenes (GIMFERER, 1985). Sin embargo, el cine, en las últimas décadas, ha dejado las salas oscuras, pasando a ser objeto de investigaciones académicas, inserido en el contexto de los *mass media* estudios, una vez que tal arte, en la actualidad, ha ejercido una fuerte influencia sobre una gran parcela de la población, superando, muchas veces, inclusive la actuación del texto escrito, pues “el cine es la forma de arte correspondiente a los peligros existenciales más intensos con los cuales se confronta el hombre contemporáneo. Él corresponde a metamorfosis profundas del aparato perceptible [...]”. (BENJAMIN, 1994, p. 192 - trad. nuestra del portugués). De ese modo, la *séptima arte* ocupa, hoy, un espacio de destaque en la sociedad – también por la masificación de la televisión que vehicula gran parte del arte cinematográfica mundial – y viene ganando espacios en la academia.

Muchas veces banalizadas, las relaciones entre cine y literatura son ricas y complejas. Se trata, en verdad, de dos artes, o sistemas de comunicación, bastante distintos, tanto en la constitución como en el modo de producción y recepción. La literatura es esencialmente el arte de las palabras y el cine, el arte de las imágenes. Recientemente, el cine es un complejo que mezcla elementos de casi todas las artes. Aunque su base sea la imagen en movimiento, a través de la cual se produce una peculiar forma narrativa, también se vale de las palabras, de la representación, además de trabajar con elementos que antes eran particulares de las artes plásticas, como el contraste entre colores, el juego de luces y sombras o de volúmenes. Además, muchas películas cuentan historias que la literatura ya tenía contado, en un proceso de transferencia de un sistema semiótico para otro que recibe varias denominaciones: adaptación, traducción o recreación.

Cuando estamos delante de un encuentro como ese entre las dos artes – literatura y cine – el resultado, para el lector/espectador, seguramente será provechoso cuando observado desde la perspectiva de que en la transposición de una obra literaria para el lenguaje fílmica, en la producción de ese diálogo entre artes – la de la palabra y la de la imagen– el punto crucial no reside en la “fidelidad” o “infidelidad” de una para con la otra. Toda forma de adaptación se enfrenta con el

desafío de la transformación del objeto primero en el arte que ella inspira como producto final. Ese producto se constituye de otro lenguaje, ya que los signos y códigos utilizados por una y otra no son los mismos.

De acuerdo con ese bias, la película hecha con base en una obra literaria – por el intenso trabajo de transcodificación que se opera sobre el texto primero – puede ser vista, antes de todo, como un proceso crítico de lectura. El resultado – en forma de película, con sus ampliaciones o reducciones en la narrativa literaria – será, pues, el recorte interpretativo efectuado por el cineasta. Ese procedimiento de traducción de la obra literaria para el lenguaje cinematográfica siempre producirá nuevos significados para la narrativa primera, cuyo contenido puede haber sido desplazado, alterado, subvertido, ampliado, etc., a lo largo del proceso de lectura que de ella se efectuó. Cabe, por lo tanto, en ese contexto, una nueva lectura. Tal proceso enriquece la relación entre las artes que se complementan, así, como objetos de lectura.

Ese fructífero encuentro no se establece apenas entre literatura y cine, la historia es también frecuente socia de esa relación, especialmente cuando las producciones cinematográficas que recrean eventos del pasado huyen de los padrones simplemente comerciales, presentando al público producciones críticas. Según Robert A. Rosenstone (2010, p. 82- trad. nuestra del portugués), en ese campo de relaciones “también es posible ver las películas históricas innovadoras como parte de una búsqueda por un nuevo vocabulario para representar el pasado en el telón, un esfuerzo para hacer la historia (dependiendo de la película) más compleja, interrogativa y autoconsciente”. También esa confluencia – literatura, historia y cine – se encuentra contemplada en esa edición de nuestra Revista.

En el campo de las confluencias hasta aquí mencionadas, no podemos dejar de comentar que, en el conjunto de textos reunidos, el lector seguramente se deparará con cuestiones que envuelven la relación de la teoría literaria y la teoría cinematográfica. En ese campo teórico, se destaca la trayectoria secular de los estudios literarios que sirven de apoyo a los recientes estudios sobre el arte cinematográfica. De acuerdo con José Antonio Pérez Bowie (2008, p. 11), los estudiosos del cine “han recurrido sistemáticamente a tales categorías con el fin de iluminar el objeto de su interés y dotar a sus análisis del rigor científico que, sin dudas, les proporciona el aparato conceptual elaborado por una secular tradición de pensamiento en torno al hecho literario”. Así se proliferan las confluencias en el conjunto de textos que presentamos a nuestros lectores a seguir. Deseamos a todos una buena lectura.

REFERENCIAS

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

ROSENSTONE, R. A. *A história nos filmes - os filmes na história*. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JAIME, A. *Literatura y cine en España (175-1995)*. Trad. María Pérez Harguindey e Manuel Talens. Madrid: Cátedra, 2000.

GINFERER, P. *Cine y Literatura*. Barcelona: Planeta, 1985.

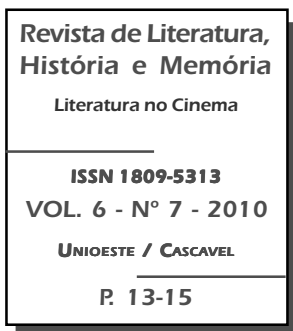
PRESENTATION: Literature, History and Memory Journal: V.6; n.7 – 2010.

FLECK, Gilmei Francisco (UNIOESTE/Cascavel)

Translation (English): LEVINSKI, Guilherme Luis Marins (UNIOESTE/Cascavel)*

FLECK, Gilmei Francisco (UNIOESTE/Cascavel)

Tradução (inglês): LEVINSKI, Guilherme Luiz (UNIOESTE/Cascavel)*



LITERATURE IN MOVIES: A USEFUL MEETING BETWEEN TWO LANGUAGES

This edition of the "Literature, History and Memory Journal" focuses on a few thoughts about the relationship between Literature and Cinema. The spots where these language roads cross, when turning the literary text into a filmic one, not only go beyond the same old controversies between literature as art and movies as shows, but also were they marked as the main topic around which we intend to roam.

It is undeniable that the cinematographic versions of consecrated literary works constitute, by its nature, a newly made artistic production. Furthermore, it cannot be denied that there is a bond between them, either very narrow or only superficial, according to the adaptation performed from literature into the movies. Then, there is a flow between one another; and this meeting of the arts, conjugated as they are in one only stream, proved to be very much useful in the contemporaneous world.

The fact that literary art and cinematographic art are currently getting closer and closer has torn certain conceptions apart, like the ones that, for a long time, heated acute incomprehension matters among the lovers dedicated to both of them. In the words of Antoine Jaime (2000, p. 12- our trans. from Spanish), for quite a long time

[...] Literature was valorized as the only art capable of expressing thoughts, the inner feelings or psychological evolutions, in a few words, the inner worlds. Opposed to such a precise tool was the cinema, mentioned as a way to show not more than the humans' appearances, the external aspects of the actions. The matrix-word overtook the image-show. Cinema goes on being, for many people, this fair attraction it was in its beginning, incapable to ascend the expressive richness of Literature.

*Acadêmico do curso de Letras Português/Inglês da Unioeste/Cascavel. Integrante do curso de extensão "Formação de tradutores: teoria e prática - uma perspectiva intercultural", vinculado ao PELCA- Programa de Ensino de Literatura e Cultura.

And then, we see that the crossroads we described here were born as a conflictive relationship, because the emphasis of this relationship is usually understood under the eyes of a hard-to-be marriage between word and images (GIMFERER, 1985). However, in the last few decades, the movie as an art abandoned the darkened rooms and came to lie under the light of academic essays, inserted in the context of mass media studies, as in the modern world it exerts strong influence on a great part of the population, generally surpassing the performance of the written text, because "cinema is the art that corresponds to the most intense existential dangers which the contemporaneous man faces. It corresponds to deep processes of metamorphosis of our sensing device [...]". (BENJAMIN, 1994, p. 192 - our trans. from Portuguese). That is why the *seventh art* caters so much to the current society, apart from the massification of television, which airs a great part of the cinematographic art of the whole world, and has recently gained space in the academy.

Many times vulgarized, the bonds between movies and literature are rich and complex. They are, in fact, two arts, or systems of communication, that are very different, as in the constitution as in the way of production and reception. Literature is essentially the art of words and cinema is the art of images. Besides being a lot more recent, cinema is a complex system which mixes elements of almost all arts. Although it is based on an image in motion, through which one can produce a peculiar narrative style, it also works with words and with representation, apart from working with elements that previously constituted solely the plastic arts, as the contrast in colors, the play with lights and shadows or with volumes. Furthermore, many movies tell stories that literature had already told, in a process that transfers one semiotic system into another, what receives many names: adaptation, translation or recreation.

When we come across such an encounter among these two arts – literature and cinema – the result for the reader/viewer will safely be regarded as useful when watched from the perspective that, in turning a literary work into a filmic one, in producing this dialogue between the arts – the word and the image one – the crucial spot does not lie in the 'fidelity' or 'infidelity' of one toward the other. Every way of adapting faces the challenge of transforming the prime object into the art that adaptation inspires as the final product. This product is composed of another language, for the signs and codes utilized by one and another are not the same.

Under this impression, the movie based on a literary work – because of the intense work of transcoding which happens with the prime text – can be viewed, before all, as a critical reading process. The result, a movie with widened or reduced narrative parts, is then the interpretative cut effected by the film-maker. This translation

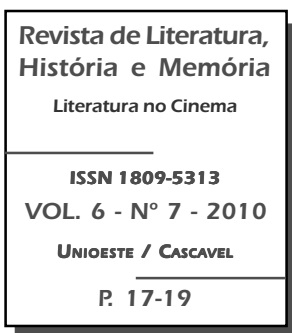
procedure of the literary work into the cinematographic language will always result in new meanings for the prime narrative, the contents of which may have been displaced, altered, subverted, widened, etc, along the process of reading made upon it. That is why a whole new reading fits in this context. Such a process enriches the relation between the arts which then complement each other as reading objects.

Not only does this fruitful meeting occur between literature and cinema, for history is also a frequent partner of the bond, especially when the cinematographic productions that recreate past events do not obey simple commercial patterns, presenting critic productions to the audience. According to Robert A. Rosenstone (2010, p. 82 – our trans. from Spanish) it is also possible, in this field of bonds, “to see the innovative historic films as part of a search for new vocabulary to depict the past in screen, an effort to make history (depending on the movie) more complex, interrogative and conscious of itself”. This confluence – literature, history and cinema – is also tapped in this new edition of our Magazine.

In the field of confluences mentioned here, it is quite noteworthy to comment the fact that in the group of texts we have brought together the reader is going to face himself with questions concerning the relationships between the literary theory and the theory on cinematographic art. In this theoretical field, the focus is given to secular literary studies which work as a means of support to recent studies about the cinematographic art. According to Antonio Pérez Bowie (2008, p. II - our trans. from Spanish) the studies about cinema “have systematically reached out for those categories to illuminate their object of interest and bring a scientific vigor to their analysis that, without any doubt, this conceptual apparatus, which was elaborated along many centuries concerning the thought around the literary acts, can offer them.” In this way all the confluences we have brought to this group of texts – which we offer to our readers just ahead – spread out everywhere. We wish you all a nice reading.

CITED LITERATURE:

- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.
- ROSENSTONE, R. A. *A história nos filmes - os filmes na história*. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- JAIME, A. *Literatura y cine en España (175-1995)*. Trad. María Pérez Harguindey e Manuel Talens. Madrid: Cátedra, 2000.
- GINFERER, P. *Cine y Literatura*. Barcelona: Planeta, 1985.



SUMÁRIO

Literatura no cinema: um profícuo encontro entre duas linguagens	5
<i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
Artigos	
O filme como leitor do texto literário: reflexões teóricas	21
<i>Josmar de Oliveira Reyes</i>	
Da literatura ao cinema: O veneno da madrugada	35
<i>Melissa Cobra Torres, Michelle Márcia Cobra Torres</i>	
Representações históricas da Irlanda no filme “Em nome do pai”, baseado no texto autobiográfico de Gerry Conlon	49
<i>Maria Inês Chaves, Brunilda Tempel Reichmann</i>	
A descoberta da América: choques culturais – uma confluência na literatura, história e cinema	61
<i>Gilmei Francisco Fleck, Toni Juliano Bandeira</i>	
Diálogos y contactos con la literatura en la filmografía de Leonardo Favio	75
<i>Marcela Maria Raggio</i>	
Das páginas às telas do cinema: a transposição do ponto de vista	93
<i>Ana Maria Carlos, Flávia Pinati</i>	
La literatura en el cine: En el tiempo de las mariposas de Julia Álvarez.	105
Reescrituras de la historia dominicana	
<i>Maria Antonia Zandanel</i>	

(Re)significação ou reatualização de leituras: Medeia do teatro para o cinema
Pedro Leites Jr., Wallisson Rodrigo Leites, Lourdes Kaminski Alves 121

A identidade feminina em *The magic toyshop*: estudos de gênero
no texto e na tela 135
Cleide Antonia Rapucci, Talita Annunciato Rodrigues

As duas versões de *O nome da rosa*: cinema, literatura e pós-modernidade
Wellington R. Fioruci 151

O filme hispânico a partir da literatura filmada: as obras
Como água para chocolate 161
Cristina Andrade dos Santos

O mito em *Os Cavaleiros do Zodíaco* 179
Ademar Magi

A construção memorial das identidades por um vendedor de passados,
de José Eduardo Agualusa 189
Ana Cristina Pinto Bezerra

Literatura no cinema: o diálogo entre a arte literária e a arte cionematográfica
em *Frankenstein*, de Mary Shelley 201
Sirlene Cristóvão

Reportagem e retórica: uma análise discursiva sobre o filme "Tropa de elite"
Amauri de Lima 217

A Rainha Margot em duas versões 227
Maria Lídia Lichtscheidl Maretti

Iracema, a virgem dos lábios de mel y su versión moderna "Iracema
uma transa amazônica", una comparación 239
Adriana Primo-Vicent

Do texto á tela: implicações narrativas 255
Lourdes Kaminski Alves

A carnavalização no romance <i>O Chalaça</i> (1994) e sua reprodução na minissérie televisiva “O quinto dos infernos”	265
<i>Stanis David Lacowicz</i>	
A presença do cinema como espaço de exclusão da mulher nos contos de Josefina Plá	279
<i>Suely Aparecida de Souza Mendonça</i>	
Retratos da Espanha em <i>Os fantasmas de Goya</i>	291
<i>Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari</i>	
Françoise: rasura e loucura, do conto de Luiz Vilela ao curta-metragem de Rafael Conde	303
<i>Rauer Ribeiro Rodrigues, Kelcilene Grácia-Rodrigues</i>	
Filho de seu pai e filho de seus filhos: a releitura de <i>O crime do padre</i> <i>Amaro</i> no século XXI	317
<i>Claudiana Soerensen</i>	
Plata quemada: do livro para as telas	333
<i>Isis Milreu</i>	